

# Percurso diacrônico de completivas introduzidas por *como* no português

(Diachronic path of complement clauses introduced by *como* in Portuguese)

Gisele Cássia de Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP – Universidade Estadual Paulista  
gcsousa@ibilce.unesp.br

**Abstract:** As a more extensive issue, this paper deals with the polysemy attested in all Romance languages between interrogative pronouns and subordination markers in complex sentences. It investigates, specifically, the behavior of objective complement clauses introduced by “*como*” (“*how*”) in constructions in which they occur as equivalent to the meaning of prototypical declarative complement clause introduced by the conjunction “*que*” (“*that*”). It analyzes complement clauses introduced by “*como*” and “*que*” occurring in representative Portuguese texts from the thirteenth to the twentieth centuries. The results of the comparative analysis between the two forms of clausal complement show that in archaic Portuguese “*como*” was used primarily to introduce complement clauses of factive verbs. When the complement clause is introduced by “*como*”, the content that is presupposed as true due to the meaning of matrix verb has reinforced this factuality. In the passage from the archaic to the modern period, there was a drastic decrease in the frequency of occurrences of complement clauses with “*como*”, which are replaced by the form of complementive introduced by the conjunction “*que*” in the context of factual constructions. In contemporary Portuguese, this replacement is fully established. Complement clauses with “*como*” remain rare and limited to specific contexts in which “*como*” maintains its reinforcement function of factual meaning.

**Keywords:** complement clauses; *wh*-complementizer; factuality.

**Resumo:** Este trabalho aborda, como temática mais ampla, a polissemia atestada em todas as línguas românicas entre pronomes interrogativos e marcadores de subordinação em sentenças complexas. Investiga-se aqui, especificamente, o comportamento de orações completivas objetivas introduzidas por “*como*” que, nas construções em que aparecem, exibem significado equivalente ao de uma completiva declarativa prototípica, iniciada pela conjunção “*que*”. Analisam-se dados de completivas, tanto com “*como*” quanto com “*que*”, ocorrentes em textos representativos do português dos séculos XIII a XX. Os resultados da análise comparativa entre as duas formas de complemento oracional revelam que, no português arcaico, “*como*” era empregado preferencialmente para introduzir completivas declarativas de verbos factivos. Ao ser introduzido por “*como*”, alternativamente à conjunção “*que*”, o complemento oracional, cujo conteúdo é pressuposto verdadeiro por força do significado do verbo matriz, tem essa sua factualidade reforçada. Na passagem do período arcaico ao período moderno, observa-se queda drástica na frequência de ocorrências de oração completiva com “*como*” que, no contexto de construções factuais, é substituída pela forma de completiva introduzida pela conjunção “*que*”. No português contemporâneo, essa substituição mostra-se completamente implantada, permanecendo rara a forma de completiva com “*como*”, limitada a contextos específicos nos quais esse elemento introdutor mantém sua função de reforço de significado factual.

**Palavras-chave:** orações completivas; complementizador interrogativo; factualidade.

## Considerações iniciais

O objetivo deste trabalho é descrever o percurso diacrônico de orações completivas declarativas introduzidas por “*como*” do português, com enfoque para os aspectos

mais relevantes associados à mudança por que passam essas orações do português arcaico (séculos XIII a XV) até o português contemporâneo (séculos XVIII a XX).

Especificamente, constituem objeto de análise deste trabalho orações iniciadas por “como” que, nas diferentes fases do português, ocorrem em posição de complemento verbal, com função equivalente ao de uma completiva introduzida pela conjunção “que”, conforme exemplifica a construção em (01), uma ocorrência do português arcaico, período em que essa forma de complemento oracional se mostra mais abundante:

- (01) Foi a deteença em esto tam grande que sse fazia ja muito tarde; e veendo *como* o *achar* nom *podiam*, levarom a besta e foram-sse ao logar, nom sabendo que cuidassem em tal feito. (século XV)
- (01') E vendo *que* não o *podiam* *achar*...

Conforme se buscará demonstrar, em construções como a de (01), o elemento “como” compete com “que” na introdução de completivas objetivas ao longo do período arcaico do português, até ser por ela praticamente suplantada no período moderno. Conjuntamente à descrição desse percurso histórico, focaliza-se, neste trabalho, a função cumprida pelo elemento “como” enquanto introdutor de orações completivas declarativas, alternativamente à conjunção “que”.

Os dados que serviram às análises que aqui se apresentam foram extraídos de três *corpora* de língua escrita distintos. Para a coleta de dados representativos do português arcaico (séculos XIII a XV) e moderno (séculos XVI e XVII), foram utilizados textos que integram o *Córpus Diacrônico do Português*, organizado por Tarallo (1991), e o “Banco Informatizado de Textos”, composto no âmbito do “Projeto para a História do Português”, por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (BIT-PROHPOR/UFBa). Para os dados do português contemporâneo (séculos XVIII a XX), foram investigados textos integrantes do “Córpus de Língua Escrita do Brasil”, pertencente ao “Centro de Estudos Lexicográficos”, da Universidade Estadual Paulista, câmpus de Araraquara.

Na seção seguinte deste texto, é focalizada a mudança, atestada em diferentes línguas românicas, de marcadores de interrogação, a exemplo do advérbio *como* do português, a introdutores de oração completiva. Posteriormente, apresenta-se o comportamento de completivas com *como* ao longo das diferentes fases do português investigadas e, na última seção do texto, apresentam-se as conclusões do trabalho.

## O desenvolvimento de interrogativos a introdutores de oração completiva

Heine e Kuteva (2006, p. 209) apontam que a polissemia entre formas marcadoras de interrogativas parciais (ou “interrogativas de conteúdo”) e formas introdutoras de orações subordinadas em sentenças complexas é fenômeno atestado em um conjunto significativo de línguas. Segundo os autores, em todas as línguas românicas e eslavas, em algumas línguas germânicas, no grego moderno, no húngaro e no georgiano, encontra-se o emprego de uma mesma forma para introduzir **interrogativas parciais simples** (02a), **orações completivas indefinidas** (02b), **completivas definidas** (02c) e **orações relativas com antecedente expresso** (02d), conforme ilustram as construções abaixo, exemplos do inglês dados pelos autores.

- (02) a. **Who** came?  
Quem veio?

- b. I don't know **who** came.  
Não sei quem veio.
- c. Y ou also know **who** came.  
Você também sabe quem veio.
- d. Do you know the woman **who** came?  
Você conhece a mulher que veio?

Conforme também demonstram Heine e Kuteva (2006), nas línguas em que é atestada, essa polissemia é resultado de desenvolvimento histórico de marcadores de interrogação que passam a atuar como subordinadores em sentenças complexas. O processo, segundo os autores, é unidirecional nessas línguas e se caracteriza por gramaticalização do item interrogativo envolvendo quatro estágios, conforme esquematizados no Quadro 1, a seguir.<sup>1</sup>

**Quadro 1: Evolução de interrogativos a subordinadores (HEINE; KUTEVA, 2006, p. 210)**

Estágio	Função do marcador de interrogação
I	Marcar interrogativas
II	Introduzir orações completivas indefinidas
III	Introduzir orações completivas definidas
IV	Introduzir orações relativas com antecedente expresso

Heine e Kuteva (2006, p. 210) caracterizam esses estágios de evolução do seguinte modo:

- (i) **Estágio I:** o marcador de interrogação é usado para iniciar interrogativas de conteúdo, como em (02a). Esse estágio distingue-se dos demais por envolver sentenças simples (mono-oracionais), ao passo que todos os outros envolvem combinação de orações.
- (ii) **Estágio II:** o uso do marcador de interrogação é estendido para a introdução de orações subordinadas indefinidas, de que (02b) é um exemplo.
- (iii) **Estágio III:** além de orações indefinidas, o marcador de interrogação passa a introduzir orações completivas definidas, como em (02c), que podem também ser interpretadas como relativas sem antecedente; mas o elemento não é usado para introduzir orações relativas com antecedente expresso.
- (iv) **Estágio IV:** o marcador de interrogação, nesse último estágio, introduz, além de orações relativas sem antecedente, relativas com antecedente expresso, tal como a de (02d).

Conforme também atestam Heine e Kuteva (2006), já no latim os marcadores de interrogação se encontravam completamente gramaticalizados. Além de introduzirem interrogativas parciais, marcavam orações completivas, tanto definidas quanto indefinidas, e orações relativas do latim, como ilustram as ocorrências em (03), presentes nos escritos de Plautus, dadas em Heine e Kuteva (2006, p. 218).<sup>2</sup>

1 Heine e Kuteva (2006) incluem na descrição desses estágios de gramaticalização o desenvolvimento dos marcadores de interrogação também a introdutores de oração adverbial, não mencionado aqui por razões de enfoque.

2 Esses diferentes empregos de palavras interrogativas no latim são atestados também por Ernout e Thomas (1972).

- (03) a. Miser est **qui** amat. **Estágio II**  
*Someone who is in love is to be deplored.*  
 Pobre é quem (de quem) ama.
- b. **Quod** credidisti reddo. **Estágio III**  
*What you have lent (me) I return (it to you)*  
 Eu devolvo o que você me emprestou.
- c. Eae litterae **quas** mihi scripsisti mihi jucundissimae fuerunt. **Estágio IV**  
*The letters that you wrote me were very pleasant to me.*  
 Estas cartas que você me escreveu me foram muito agradáveis.

Nas línguas românicas, a polissemia entre marcadores de interrogação e introdutores de orações subordinadas completivas (e também de relativas) é, portanto, conforme concluem Heine e Kuteva, reflexo direto da instauração do processo de gramaticalização de palavras interrogativas a subordinadores no latim (2006). Esse processo também explica, assim, a atuação dos elementos interrogativos em construções subordinadas do português, tanto completivas quanto relativas, conforme ilustram as traduções dos exemplos em (02), com os pronomes *quem* e *que*.<sup>3</sup>

No tocante especificamente à atuação de *como* enquanto introdutor de oração completiva, foco deste trabalho, no entanto, esse processo tem seus reflexos mais profícuos apenas no período arcaico do português, conforme também aponta, aliás, Dias (1933), ao registrar que, no português arcaico: “As orações substantivas são [...] orações introduzidas pela conjunção *que* (e às vezes também por *como*)” (DIAS, 1933, p. 257; grifo acrescentado).

A partir do período moderno, os contextos dessa atuação de *como* restringem-se drasticamente, especialmente no tocante a orações completivas definidas, tais como a de (02c), conforme se passa a demonstrar na seção a seguir.

## O percurso diacrônico de completivas com *como* em português

Nos textos representativos dos três períodos do português investigados, o elemento “como” aparece introduzindo orações completivas tanto **definidas** quanto **indefinidas**, conforme exemplificam, respectivamente, as ocorrências em (04a) e (04b), relativas ao português moderno.

- (04) a. E sei bem que se o rogares de bom coração, que haverás alegria e honra na batalha. E **eu te direi como este sinal [da cruz] te guarecerá (=livrará) de morte e te dará honra e alegria.** (séc. XVI)
- b. mas esta vossa falta me causa estar eu ainda em parte que vos possa escrever, ainda que **eu não sey como isto digna**, porque dou a entender ho que em my nam há como devia. (séc. XVI)

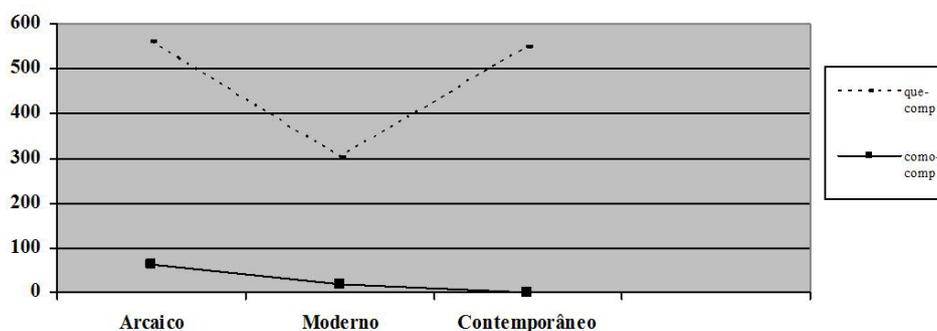
Observe-se que, nesses casos, “como” equivale a um pronome indicativo de modo, e a oração que ele introduz também pode ser interpretada como uma relativa sem antecedente. Em construções nas quais “como” equivale à conjunção “que” (as quais constituem foco principal das análises neste trabalho), entretanto, a oração que “como” introduz é predominantemente do tipo **definida**, e o significado de modo, diferentemente do que ocorre em (04a-b), não se revela prevacente para o elemento “como”, conforme evidenciam as ocorrências e suas paráfrases em (05a) e (05b):

<sup>3</sup> Uma proposta de distinção entre relativas sem antecedente e completivas introduzidas por palavras –*QU* do português, de um ponto de vista funcional, encontra-se em Sousa (2011).

- (05) a. Quando Nosso Senhor disse isto, tomou Josefes pela mão direita e tirou-o apos si, assi que todos os cristãos o vírão tirar e vírão a ele e aos anjos, que estavam derredor, e **vírão todos como Josefes estava ante ele e como ele fazia sobre ele o sinal da cruz.** (séc. XVI)
- a'. E viram todos **que Josefes estava ante ele e que fazia sobre ele o sinal da cruz.**
- b. E **vos bē sabedes commo el rei Bucar vē sobre nós e traz cōsigo XXXVI reys.** E, pois que elle traz tã grãde poder e eu tã çedo hey de morrer, vós outros catade se poderedes defēder Valêça. (séc. XIV)
- b'. E vos bem sabedes **que o rei Bucar vem sobre nós e traz consigo 36 reis.**

A maior parte de completivas declarativas com “como” ocorrentes nos dados analisados é de construções **factuais**, isto é, do tipo em que o conteúdo da oração completiva é pressuposto como verdadeiro (KIPARSKY; KIPARSKY, 1970). As ocorrências em (05) também assim se comportam quanto à factualidade, isto é, em (05a) é interpretado como verdadeiro o fato de que “Josefes estava diante de Cristo e que fazia o sinal da cruz”; e, em (05b), é pressuposto como verdadeiro o fato de que “o rei Bucar vem e traz consigo 36 reis”. Essa propriedade que têm as orações introduzidas por “como” de se comportarem predominantemente como factuais, quando introduzindo orações declarativas equivalentes a completivas com “que”, cumpre importante papel na mudança por que passam essas orações do português arcaico ao português contemporâneo, como se demonstrará adiante.

Conforme revela a distribuição das ocorrências no gráfico abaixo, do período arcaico ao contemporâneo, observa-se queda drástica no número de ocorrências de completivas introduzidas por “como” equivalentes a “que-complemento”. Completivas iniciadas pela conjunção “que”, por outro lado, mantêm seu número de ocorrências sempre superior ao de completivas com “como” ao longo dos três períodos investigados.



**Figura 1 - Frequência de ocorrência de completivas com “como” e com “que” nos três períodos investigados**

Nos textos do período arcaico, encontram-se 62 dados de completivas com “como” (que perfazem 75% do total de ocorrências desse tipo de oração), frente a 582 ocorrências de completivas com “que”. No período moderno, somente 20 ocorrências de completivas com “como” são encontradas (que correspondem a 25% do total de dados), ao passo que completivas com “que”, em textos desse período, totalizam 326 ocorrências. No período contemporâneo, por fim, encontra-se uma única ocorrência de oração completiva introduzida por “como”, frente a 602 ocorrências de completivas iniciadas pela conjunção “que”.

Uma vez que os dados de oração com “como” são de ocorrências dessa oração em construções nas quais ela equivale a uma completiva com “que”, a frequência inalterada dessa última forma de oração, ao longo dos períodos investigados, frente à queda drástica na frequência de orações com “como”, revela que a conjunção “que” suplanta diacronicamente a forma “como”, substituindo-a praticamente por completo, na passagem do português arcaico ao moderno, na função de introduzir completivas declarativas.

Análise mais detalhada dos ambientes sintáticos em que aparecem, nos dados analisados, essas duas formas de oração completiva oferece evidência adicional dessa substituição de “como” pela conjunção “que”. Duas propriedades das construções mostram-se particularmente relevantes nesse sentido: o **tipo semântico** e o **valor pressuposicional** do predicado matriz, isto é, se o predicado determina (factivo), ou não (não-factivo), como factual (pressuposto como verdadeiro) o conteúdo na oração completiva (KIPARSKY; KIPARSKY, 1970).

Predicados que aparecem nos dados como matriz de completivas tanto introduzidas por “como” quanto iniciadas por “que” são de quatro tipos: predicados de cognição (como *saber*), predicados de atitude (mental, como *lembrar*, ou emocional, como *lastimar*, *admirar-se*), de manipulação (como *mandar*) e de elocução (como *dizer*).<sup>4</sup> Conforme demonstram os resultados nas tabelas 1, 2 e 3, a distribuição dos dados ao longo dos períodos revela que gradativamente predicados que apareciam completados por oração tanto iniciada por “como” quanto introduzida por “que” passam a ocorrer exclusivamente com complementos na forma de oração iniciada pela conjunção “que”.

**Tabela 1: Forma da oração completiva vs. tipo de predicado matriz no português arcaico**

Forma da oração Tipo de predicado matriz	<i>Que-comp</i>	<i>Como-comp</i>	Total
Cognição	83/75%	28/25%	111
Atitude	123/86%	20/14%	143
Manipulação	206/100%	----	206
Elocução	148/91%	14/9%	162
Total	560	62	622

**Tabela 2: Forma da oração completiva vs. tipo de predicado matriz no período moderno**

Forma da oração Tipo de predicado matriz	<i>Que-comp</i>	<i>Como-comp</i>	Total
Cognição	38/95%	2/5%	40
Atitude	42/76%	13/24%	55
Manipulação	89/98%	2/2%	91
Elocução	134/98%	3/2%	137
Total	303	20	323

<sup>4</sup> Essa classificação dos predicados matrizes de oração completiva é baseada em proposta de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008).

**Tabela 3: Forma de completiva vs. tipo de predicado matriz no período contemporâneo**

Forma da oração	<i>Que-comp</i>	<i>Como-comp</i>	Total
Tipo de predicado matriz			
Cognição	93/100%	---	93
Atitude	182/99%	1/1%	183
Manipulação	122/100%	---	122
Elocução	150/100%	---	150
Total	547	01	548

Os únicos tipos de construção com completiva introduzida por “como” que, do período arcaico para o período moderno, exibem um comportamento de elevação, em vez de queda, na frequência de ocorrência são construções em que esse tipo de completiva se encaixa a predicados de **atitude**, que passam de 14% no período arcaico a 24% do total de dados no período moderno, e aquelas em que essa oração complementa predicados de **manipulação**, que não ocorrem nos textos do período arcaico e aparecem representando 2% do total de ocorrências no período moderno. O número de ocorrência de “como” com predicados de manipulação é, porém, muito baixo (apenas duas ocorrências, que seguem transcritas em (06a-b)), e sua ausência nos dados do período arcaico pode dever-se à natureza dos textos investigados para esse período.

- (06) a. Nesta viagem aconteceo que, chegando o Padre com seus companheiros a hum lugar de muyta gente, **quis dar ordem como se fizesse ali outra casa**, por a terra ser pera yso aparelhada. (séc. XVI)
- b. E, quando comigo quiserdes falar, abrireis a arca, onde quer que tu fores, e tu soo verás a escudela, ca eu nom quero que a outrem toque, senam tu e teu filho Josefes. Ora te vai e **ordena a teu povo como pouse** e faz assi como eu te mandei! (CBP/16/JA-20)

A elevação na frequência de ocorrências de orações com “como” que funcionam como completivas de predicados de atitude, por outro lado, revela-se interessante na medida em que é com predicado matriz desse tipo a única ocorrência de completiva introduzida por “como” encontrada nos textos do período contemporâneo. A ocorrência em questão encontra-se transcrita em (07), abaixo.

- (07) Meu caro Barão, a sua carta deu-me grande prazer como a primeira esperança de vê-lo ainda em Londres este mês. Estou preparando-me para ir recebê-lo a Charing Cross com o seu estado maior de legação. **Não sei realmente como se pode assim desertar de Londres durante o único tempo em que há merecimento em ficar.** (séc. XIX)
- Não consigo aceitar que se possa assim desertar de Londres durante o único tempo em que há merecimento em ficar.*
- Não acredito que se possa assim desertar de Londres durante o único tempo em que há merecimento em ficar.*

Note-se que, apesar de *saber* ser tipicamente um verbo de cognição, na ocorrência em (07), em que ele aparece negado, com flexão de 1ª pessoa do singular, e complementado por oração introduzida por “como”, seu significado equivale a “não acredito que...”, “não consigo aceitar que...”, ou “não me conformo que...”, conforme demonstram as paráfrases da construção em (07), constituindo-se, portanto, um predicado de atitude, indicativo de uma indignação do falante.

Observe-se ainda, a partir da ocorrência em (07), que, do mesmo modo que na maior parte das ocorrências de completivas com “como” em todos os períodos investigados, o conteúdo do complemento em (07) é do tipo **factual**, e essa factualidade é inclusive reforçada pela presença de “como”, em vez de “que”, enquanto introdutor da oração completiva, conforme também evidenciam as paráfrases da construção em (07) com oração completiva iniciada por “que”.

A factualidade da construção corresponde, de fato, até o período moderno, propriedade relevante para a ocorrência de oração completiva introduzida por “como” alternativamente a uma completiva iniciada por “que”, conforme demonstram os resultados nas tabelas 04, 05 e 06 abaixo.

**Tabela 4: Forma da completiva vs. factualidade do predicado matriz no período arcaico**

Forma da oração			
Valor pressuposicional do verbo matriz	<i>Que-comp</i>	<i>Como-comp</i>	Total
Factivo	73/59%	51/41%	124
Não-factivo	509/98%	11/2%	520
Total	582	62	644

**Tabela 5: Forma da completiva vs. factualidade do predicado matriz no período moderno**

Forma da oração			Total
Valor pressuposicional do verbo matriz	<i>Que-comp</i>	<i>Como-comp</i>	Total
Factivo	22/55%	18/45%	40
Não-factivo	304/99%	02/1%	306
Total	326	20	346

**Tabela 6: Forma da completiva vs. factualidade do predicado matriz no período contemporâneo**

Forma da oração			Total
Valor pressuposicional do verbo matriz	<i>Que-comp</i>	<i>Como-comp</i>	Total
Factivo	38/98%	01/2%	39
Não-factivo	564/100%	---	564
Total	602/99%	01	603

Conforme revelam esses resultados, interpretados em direção horizontal da tabela, do português arcaico ao contemporâneo, a função de complementar predicados factivos gradativamente vai sendo assumida exclusivamente pela oração introduzida pela conjunção *que*. Nos períodos arcaico e moderno, cerca de 45% de ocorrências com predicados factivos é complementada por oração introduzida por “como”, ao passo que, no português contemporâneo, esse percentual é de apenas 2%, representativo de apenas uma ocorrência.

## Considerações finais

O principal propósito deste trabalho foi analisar, a partir de dados representativos de diferentes períodos do português, o comportamento de completivas declarativas iniciadas por “como”, com função claramente equivalente ao de uma completiva prototípica, introduzida pela conjunção “que”. Apresentam-se, neste texto, os resultados que se mostraram mais significativos na análise do comportamento dessa oração, comparativamente ao de orações iniciada por “que”, nos textos investigados.

Em termos gerais, esses resultados revelam que a ocorrência de “como” enquanto introdutor de orações completivas, resultante de gramaticalização desse elemento no latim, é motivada essencialmente pela factualidade da construção com complemento oracional. Até o período moderno, conforme indicam esses resultados, “como” exercia, paralelamente à conjunção “que”, a função de atribuir factualidade ao conteúdo de completivas de predicados tanto factivos (com os quais essa factualidade era, portanto, reforçada) quanto não-factivos. Do período moderno ao período contemporâneo, entretanto, essa função passa a ser cumprida quase exclusivamente pela conjunção “que”, permanecendo a forma “como” enquanto introdutora de completivas apenas em contextos altamente restritos, exercendo prioritariamente, afinal, a função que caracteriza sua atuação nos dois períodos anteriores do português, ou seja, a de reforçar a factualidade do conteúdo na oração que introduz.

Um ponto ainda a ser investigado, a partir desses resultados, diz respeito à identificação de propriedades ligadas a “como” interrogativo, tanto gramaticais, quanto semânticas e possivelmente semântico-cognitivas, que possivelmente explicariam o recrutamento dessa forma, e não de outras formas de interrogativos (como “por que”, “quando”, “onde”, etc.), para a atuação em completivas factuais, alternativamente à conjunção “que”. Em outras palavras, caberia investigar, a partir dos resultados que aqui se apresentam, quais propriedades associadas a “como” teriam motivado a extensão, verificada especialmente no português arcaico, de um significado como o de modo (significado básico da proforma “como”) para uma função como a de indicar factualidade de uma proposição, tendo sido aparentemente essa extensão barrada a significados como os de tempo (indicado por “quando”), lugar (representado por “onde”) e razão (indicado pela forma “por que”).

## REFERÊNCIAS

DIAS, A. E. S. *Syntaxe historica portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1933.

ERNOUT, A. S.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck, 1972.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1021-1084.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The changing languages of Europe*. New York: Oxford University Press, 2006.

KIPARSKY, P.; KIPARSKY, C. Fact. In: STEINBERG, D. D.; JAKOBOWITS, L. A. *An Interdisciplinary Reader in Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 345-369.

SOUSA, G. C. Interrogativas encaixadas vs. relativas sem antecedente: contribuições da Gramática Discursivo-Funcional. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 123-132, 2011.

TARALLO, F. *Cópus diacrônico do português*. Campinas, 1991.